

DEMOCRACIAS, GOLPES E REVOLUÇÕES: CONEXÕES HISTÓRICAS

XVIII COLÓQUIO DE HISTÓRIA,
VIII COLÓQUIO DO PPGH



EXÍLIO, FÉ E RESISTÊNCIA: A TEOLOGIA TRANSFORMADORA DE JOSÉ COMBLIN

Thâmara da Silva Gomes

Graduada em Psicologia (UNIFAFIRE), Pós-graduada (strictu sensu) em Psicologia
Escolar (ESUDA) e Mestranda em Psicologia Clínica (UNICAP)
sthamara57@gmail.com

Amanda Nascimento da Costa

Graduada em Administração (UNICAP), Teologia (IFTAOR) e Estudante de
licenciatura em Ciências da Religião (UNICAP)

amandancosta88@gmail.com

RESUMO

José Comblin (1923–2011), foi um dos principais expoentes da Teologia da Libertação. Articulou uma teologia profundamente enraizada nas experiências de exílio, fé e resistência. Nasceu em Bruxelas, na Bélgica, formou-se em teologia na Universidade Católica de Louvain e foi ordenado sacerdote no ano de 1947. Inspirado pelo chamado à missão, mudou-se para o Brasil em 1958, onde se dedicou inteiramente ao trabalho pastoral nas regiões mais pobres do Nordeste. Durante as décadas de 1960 e 1970, viveu intensamente as lutas sociais do continente latino-americano, marcadas pelos regimes militares autoritários que dominavam vários países, entre eles o Brasil. Seu envolvimento com comunidades de base e sua defesa intensa e incansável dos pobres, fizeram dele alvo de perseguições. Foi expulso do Brasil em 1972 e, posteriormente, do Chile, após o golpe de Pinochet em 1973. Desenvolveu uma teologia que via a fé como motor de transformação social, incentivando a resistência contra estruturas opressoras e promovendo a construção de comunidades solidárias e autônomas. Este artigo traz um pouco de sua vida, sua obra e seu legado, destacando

como o exílio moldou sua visão de Igreja missionária, sua crítica ao clericalismo e sua proposta de uma espiritualidade libertadora e engajada. A abordagem de Comblin continua profundamente relevante diante dos desafios contemporâneos, oferecendo um caminho de esperança e compromisso com os marginalizados e excluídos.

Palavras-chave: Exílio; Cristianismo; Teologia da Libertação

INTRODUÇÃO

José Comblin foi uma das grandes figuras no cenário teológico latino-americano, com uma trajetória marcada pela luta contra as injustiças e a opressão e extremamente envolvido com o compromisso cristão com os pobres. Ele, junto com outros teólogos e pensadores da libertação, integrou a chamada *Igreja dos Pobres*, uma vivência genuína do modo de ser de Jesus. Seu legado é analisado no contexto da emergência da Teologia da Libertação, uma corrente teológica que floresceu na América Latina a partir da década de 1960.

Essa teologia buscava responder às estruturas injustas presentes e atuantes no continente, propondo uma leitura das Escrituras que enfatizava a libertação dos oprimidos como sendo a dimensão central do Evangelho. Comblin foi um dos pilares dessa teologia, contribuindo com reflexões que relacionam a fé cristã com a realidade social e política. Ele entendeu que a Igreja só seria fiel ao Evangelho se assumisse um papel profético, denunciando as injustiças e anunciando o Reino de Deus como um horizonte de esperança e transformação.

Com sua atuação em meio às tensões sociais da América Latina, Comblin não apenas desenvolveu uma teologia inovadora, mas também viveu na prática o que pregava, ao lado das comunidades de base e dos movimentos de resistência. Seu trabalho é analisado no contexto da Teologia da Libertação, marcada pelo Concílio Vaticano II e pela Conferência de Medellín. Ao longo de sua trajetória, José Comblin consolidou-se como um teólogo que, mais do que produziu ideias, encarna os princípios de sua fé, transformando-os na prática concreta. Sua atuação ao lado dos movimentos populares, sua dedicação à formação de líderes leigos e sua crítica profética continuam a inspirar a Igreja e a sociedade, especialmente diante dos desafios do século.

1. Contribuições de José Comblin para a Teologia da Libertação

A contribuição de Comblin para a **Teologia da Libertação** é profunda e multifacetada. Ele foi um dos pensadores mais inovadores dessa corrente, propondo uma teologia que está além das formulações teóricas, sendo diretamente aplicável à prática pastoral e à transformação social.

1.1 Enfoque na Espiritualidade Libertadora

Comblin defendeu que a Teologia da Libertação não deveria ser apenas uma reflexão teórica sobre a realidade social, mas também uma espiritualidade viva e transformadora. Ele acreditava que a libertação começa no coração de cada pessoa, através da fé e da esperança em Cristo, mas que essa fé só se realiza plenamente na ação concreta em favor dos outros.

Para ele, a espiritualidade libertadora não era uma fuga do mundo, mas um chamado a transformar as estruturas ajustadas. Em sua obra, Comblin destacou que o cristianismo autêntico está sempre do lado dos oprimidos, pois o próprio Cristo viveu como um pobre e se solidarizou com os marginalizados.

1.2 Formação de Lideranças Leigas

Uma das maiores contribuições de Comblin foi sua ênfase na formação de lideranças leigas. Ele acreditava que a Teologia da Libertação só seria eficaz se capacitar e empoderar as comunidades locais, tornando-as protagonistas de sua própria história. Inspirado pela pedagogia de Paulo Freire, ele promoveu a formação de líderes que não apenas compreendessem sua fé, mas também fossem capazes de transformar suas comunidades.

Comblin via os leigos como os grandes agentes de transformação da Igreja e da sociedade. Para ele, a Teologia da Libertação deveria priorizar a educação e a formação das pessoas, permitindo-lhes desenvolver uma consciência crítica e uma espiritualidade enraizada na prática da justiça.

1.3 Igreja Missionária e Profética

Comblin propôs uma Igreja missionária, comprometida com as periferias geográficas e existenciais. Ele acreditava que a missão da Igreja deveria ir além da evangelização tradicional, sendo um instrumento ativo de transformação social e política.

Sua visão de missão foi profundamente encarnada na realidade dos povos latino-americanos. Ele defendeu que a missão cristã só era autêntica quando integrada ao sofrimento e às esperanças dos pobres. Nesse sentido, Comblin via a Igreja como essa “Igreja dos Pobres”, que deveria ser profética ao denunciar as injustiças e anunciar o Reino de Deus como um horizonte de liberdade e esperança.

1.4 Teologia da Esperança e do Reino de Deus

Comblin trouxe uma contribuição original ao conectar a Teologia da Libertação com a dimensão escatológica da fé cristã. Ele entendeu o Reino de Deus não apenas como uma realidade futura, mas como algo que deve ser construído aqui e agora. Para ele, a esperança cristã era um convite à ação, uma força que impulsiona os cristãos a lutar por um mundo mais justo e solidário. Para Comblin, o Reino de Deus não é uma utopia inalcançável. É uma promessa de justiça, solidariedade e amor que começa nas ações concretas do presente.

José Comblin permanece uma referência fundamental para a Teologia da Libertação, especialmente num momento histórico em que a Igreja enfrenta novos desafios, como o crescimento das desigualdades sociais e a crise ambiental. Sua crítica ao clericalismo e sua proposta de uma Igreja missionária, comprometida com os pobres, continua a inspirar teólogos, líderes pastorais e movimentos sociais

2. Contexto Político e Eclesial da época

A América Latina das décadas de 1960 a 1980 foi marcada por profundas transformações sociais, políticas e econômicas, além de violentas repressões por parte dos regimes militares autoritários. Estes regimes, frequentemente apoiados pelos Estados Unidos durante a Guerra Fria, reprimiam movimentos populares e impediam avanços de ideologias socialistas, vistas como ameaças à ordem estabelecida. Nesse

período, o continente vivia em um contexto de desigualdades estruturais extremas, com grande parte da população vivendo em condições de pobreza e exclusão social.

Os regimes militares utilizaram estratégias brutais para consolidar seu poder, incluindo censura, perseguição política, tortura e inúmeros desaparecimentos de pessoas que eram contra a ditadura. Movimentos sociais que buscavam melhores condições de vida para os trabalhadores e camponeses, assim como organizações sindicais, foram alvos de repressão. Ao mesmo tempo, as demandas por reforma agrária, direitos trabalhistas e justiça social eram vistas como subversivas e enfrentavam resistência tanto dos governos quanto das elites econômicas.

Nesse cenário, a Igreja Católica desempenhou um papel ambíguo. Por um lado, os setores da hierarquia eclesiástica mantiveram alianças com as elites e legitimaram os regimes autoritários, muitas vezes justificando suas ações em nome da defesa da ordem e da tradição. Por outro lado, emergiu uma vertente progressista dentro da Igreja, conhecida como, já citada, a “Igreja dos Pobres”, que buscava responder ao clamor das comunidades marginalizadas e excluídas da sociedade.

José Comblin, inserido nesse contexto, destacou-se como uma voz profética. Influenciado pelos avanços do Concílio Vaticano II (1962–1965) e pela Conferência de Medellín (1968), ele propôs uma Igreja comprometida com os pobres, em oposição a uma instituição homologada aos poderes opressores. Medellín, em particular, foi um marco importante para a América Latina, pois oficializou a "opção preferencial pelos pobres", que hoje se diz “opção pelos pobres”, pois não seria uma preferência, mas a origem e base do seguimento de Jesus, uma igreja pobre e para os pobres. Essa opção, surgiu como um princípio central da atuação pastoral. O compromisso com os pobres, marginalizados e excluídos, levou a Igreja a se posicionar claramente contra as injustiças sociais e a se solidarizar com os mais vulneráveis.

Comblin criticou abertamente as alianças de setores da Igreja com as elites econômicas e políticas. Ele via essa proximidade como uma traição ao Evangelho e à missão de Jesus Cristo, que sempre esteve ao lado dos marginalizados. Para ele, a Igreja precisava romper com o clericalismo e com as estruturas que perpetuavam sua dependência dos poderes institucionais. Ele defende uma Igreja missionária e profética, que denuncia as injustiças e anuncia o Reino de Deus como uma alternativa à opressão.

Além disso, Comblin desempenhou um papel significativo ao se articular teologicamente na resistência aos regimes autoritários. Ele via a fé cristã como uma força de libertação, capaz de sustentar as comunidades na luta por justiça. Durante a ditadura militar no Brasil, seu trabalho ao lado de Dom Hélder Câmara e nas comunidades rurais do Nordeste brasileiro tornou-se um símbolo de resistência. Quando foi expulso do Brasil em 1972, sua atuação continuou no Chile e em outros países da América Latina, sempre ao lado das populações oprimidas.

Sua teologia foi construída a partir do contexto vivido pelas comunidades pobres, tornando-a profundamente enraizada na realidade. Para Comblin, a Igreja não podia permanecer neutra em um momento de tamanha violência e desigualdade. Ele acreditava que a missão cristã tinha um posicionamento claro contra as estruturas opressoras, mesmo que isso implicasse em riscos pessoais e institucionais.

Dessa forma, o contexto político e eclesial da época não apenas moldou a atuação de José Comblin, mas também foi por ele transformado. Sua crítica às injustiças e sua defesa de uma Igreja profética continuam a ressoar como um chamado à coerência evangélica e ao compromisso com os marginalizados.

3. Fundamentação Teológica

Comblin desenvolveu sua teologia em diálogo profundo com as Escrituras e com a realidade vivida pelos povos da América Latina. Ele acreditou que o Evangelho não pode ser neutro diante da opressão, pois a mensagem de Cristo é, por natureza, libertadora. Para Comblin, o cristianismo autêntico exige um posicionamento claro e ativo contra as estruturas de injustiça, ao mesmo tempo que oferece esperança e direcionamento para a transformação social.

Sua abordagem teológica era profundamente contextual e encarnada na realidade. Ele rejeitava uma teologia eurocêntrica, que tendia a ser abstrata e desvinculada das realidades concretas, e propunha uma teologia encarnada na história, moldada pelos desafios específicos da América Latina. Inspirado pelas lutas e esperanças das comunidades pobres, Comblin via a teologia como uma ferramenta prática, não apenas uma reflexão teórica. Ele afirma que a fé só tem sentido quando está comprometida com a vida, com as necessidades e com as aspirações das pessoas reais.

Comblin também foi um grande admirador do apóstolo Paulo, que ele o via como um exemplo de missões comprometidas com a construção de comunidades autônomas e com a disseminação de uma fé que liberta. Em seus escritos, Comblin frequentemente destacava como Paulo não apenas pregava o Evangelho, mas o vivia de forma radical, desafiando as estruturas políticas e religiosas de sua época. Assim como Paulo, Comblin acreditava que a teologia deveria ser missionária, atravessando fronteiras geográficas e sociais, e sempre comprometida com a transformação do mundo.

Além de Paulo, a figura de Jesus, claro, era central em sua teologia. Comblin via Jesus como o libertador por excelência, alguém que desafiou as autoridades políticas e religiosas de sua época, colocando-se ao lado dos marginalizados e oprimidos. Ele afirmava que a missão de Cristo não se limitava à salvação espiritual, mas incluía a libertação integral do ser humano. Comblin destacou que o Reino de Deus, proclamado por Jesus, era uma realidade que deveria começar a ser construída no presente, por meio de ações concretas que promoviam a justiça, a paz e a solidariedade. Assim,

Comblin nos inspira a ver que o Evangelho não é um discurso para ser contemplado, mas um chamado à ação. Ele nos desafia a transformar a realidade, enfrentando as forças que desumanizam e escravizam.

3.1 A Opção pelos Pobres como Centro Teológico

Um dos pilares da teologia de José Comblin era uma opção preferencial pelos pobres, um princípio que ele incorporou a partir das diretrizes da Conferência de Medellín (1968) e que permeou toda a Teologia da Libertação. Para ele, os pobres não eram apenas destinatários da mensagem cristã, mas sujeitos ativos da missão da Igreja. Ele acreditava que a presença de Deus se manifestava de maneira especial na vida e nas lutas dos marginalizados.

Comblin defendeu que a Igreja deveria não apenas anunciar o Evangelho, mas também viver uma solidariedade concreta com os pobres, promovendo sua libertação das questões econômicas, sociais e espirituais que os aprisionavam. Ele via os pobres como protagonistas do Reino de Deus e enfatizava que a missão cristã só seria verdadeira se estivesse enraizada no compromisso com a justiça social.

3.2 Teologia e Práxis

Outro elemento central da fundamentação teológica de Comblin era a integração entre teologia e práxis. Ele rejeitou a ideia de que a teologia deveria ser separada da vida prática. Para ele, uma reflexão teológica só fazia sentido quando estava diretamente conectada com a realidade vivida pelas comunidades.

Esse compromisso com a práxis levou Comblin a trabalhar ativamente ao lado das comunidades eclesiais de base, ajudando a compreender sua fé de maneira crítica e libertadora. Ele acreditou que o Evangelho deveria ser uma força capacitadora, que ajudasse as pessoas a tomarem consciência de sua dignidade e de seu poder de transformação.

Inspirado pela pedagogia de Paulo Freire, Comblin também valorizou a educação como um meio de promover a libertação. Ele via a teologia como um processo de aprendizagem mútuo, no qual os teólogos e as comunidades se enriquecem reciprocamente.

3.3 Espírito Santo e a Dimensão Missionária

Um aspecto original da teologia de José Comblin foi sua ênfase no papel do Espírito Santo. Em obras como *"O Espírito na Igreja e no Mundo"*, ele destacou o Espírito Santo como a força que impulsiona a missão cristã e inspira a luta pela liberdade. Para ele, o Espírito Santo foi o motor de transformação pessoal e social, capacitando os cristãos para enfrentar as injustiças e construir comunidades de esperança.

Comblin conectou a ação do Espírito Santo com a dimensão missionária da Igreja. Ele acreditava que a missão não era um privilégio de alguns, mas uma responsabilidade de todos os cristãos. Assim, ele defendia uma Igreja em constante saída, que não se limitasse às suas estruturas institucionais, mas que fosse ao encontro das periferias, tanto geográficas quanto existenciais.

Com essa fundamentação teológica, José Comblin não apenas inspirou teólogos e líderes pastorais, mas também contribuiu para uma renovação profunda na maneira como a Igreja se relaciona com o mundo. Sua teologia continua sendo um chamado à

coerência evangélica, desafiando a Igreja a viver sua missão com precisão e compromisso.

4. Exílio e Dimensão Teológica

O exílio, vivenciado por José Comblin em diferentes momentos de sua vida, foi interpretado por ele não apenas como uma circunstância histórica, mas como uma experiência profundamente teológica. Expulso do Brasil em 1972 pela ditadura militar, e mais tarde do Chile após o golpe de Pinochet em 1973, Comblin viveu o exílio como um momento de purificação e renovação espiritual. Essa vivência foi por ele comparada à peregrinação do povo hebreu no deserto, um período de provação, mas também de preparação e fortalecimento para a missão futura. Para Comblin, o exílio foi, em primeiro lugar, uma experiência de ruptura. Assim como o povo hebreu foi chamado a abandonar o Egito e atravessar o deserto em busca da terra prometida, o exílio o forçou a deixar suas comunidades e os frutos de seu trabalho pastoral para encontrar novos caminhos e novas formas de continuar sua missão.

No entanto, ele viu essa ruptura não como um fim, mas como uma oportunidade para divulgar sua fé e reavaliar seu compromisso com o Evangelho. Essa analogia com o deserto é rica em significados teológicos. O deserto, na tradição bíblica, é um lugar de despojamento, onde as pessoas são confrontadas com suas limitações e dependem completamente de Deus para sobreviver. Para Comblin, o exílio teve essa dimensão de despojamento, desafiando-o a abandonar suas seguranças institucionais e suas dependências materiais, confiando apenas nas ações divinas e na força do Espírito Santo. Ele interpretou o exílio como uma oportunidade de viver de forma mais autêntica, a simplicidade e a vulnerabilidade que caracterizam a vida cristã.

Ao mesmo tempo, o exílio também representou para Comblin um chamado à solidariedade universal. Privado de um lar fixo, ele se viu continuamente inserido em novos contextos e realidades, o que o levou a aprofundar sua compreensão da missão cristã como algo que transcende fronteiras geográficas, culturais e políticas. Assim como o povo hebreu, que aprendeu no deserto a depender uns dos outros e a confiar em Deus, Comblin viu no exílio uma oportunidade de criar novas formas de comunidade e de solidariedade.

Em suas reflexões, Comblin também destacou que o exílio é uma metáfora para a própria condição cristã. Ele via o cristão como um peregrino neste mundo, alguém que nunca está plenamente em casa, mas que vive em constante busca do Reino de Deus. O exílio, portanto, não era apenas uma experiência pessoal para ele, mas uma realidade teológica que dizia respeito à vida de todos os cristãos. Finalmente, o exílio reafirmou o compromisso de Comblin com os pobres e os marginalizados. Durante esses períodos de deslocamento forçado, ele continuou a trabalhar ao lado das comunidades mais vulneráveis, seja no Chile, em Honduras ou em outros países da América Latina, onde ele esteve presente. Seu exílio não foi apenas um momento de reflexão, mas também de ação renovada. Sua teologia do exílio é, portanto, uma teologia da esperança, que transforma a adversidade em oportunidade de renovação espiritual e missionária.

5. Resistência e Transformação Social

5.1. A Igreja como Agente de Mudança

Comblin defendia uma Igreja missionária e inserida na realidade dos pobres, criticava o clericalismo e propunha uma Igreja profética, capaz de transformar as estruturas opressoras. Uma Igreja em saída, como o Papa Francisco viria a propor depois. Foi um crítico contundente do clericalismo, que ele entendeu como uma das maiores distorções do cristianismo. Para ele, o clericalismo transformava a Igreja em uma instituição autorreferencial, preocupada mais com sua própria autoridade e privilégios do que com sua missão essencial: o anúncio do Evangelho e o serviço aos mais pobres. Em suas obras, Comblin denunciava como o clericalismo afastava a posição eclesial da realidade das comunidades e as distanciava do espírito missionário e libertador de Cristo.

Apontou que, em muitos casos, os clérigos (padres, bispos e outros líderes religiosos) ocupavam uma posição de poder, muitas vezes em conivência com as elites econômicas e políticas, especialmente durante as ditaduras militares na América Latina. Essa aliança, contradizia o espírito evangélico de humildade e serviço. Ele acreditava que o clericalismo levaria a Igreja a cair na tentativa de controlar as massas, em vez de empoderá-las, perpetuando a desigualdade e a opressão.

Comblin também criticou a centralização da autoridade na Igreja, que, segundo ele, sufocava a criatividade e a autonomia das comunidades locais. Ele via com preocupação a dependência das decisões de Roma, que muitas vezes desconhecia as especificidades culturais e sociais da América Latina. Em seu pensamento, a Igreja deveria abandonar a obsessão pelo controle e pelo poder e se abrir à participação ativa dos leigos, especialmente dos mais pobres, que, em sua visão, eram os verdadeiros protagonistas do Reino de Deus.

Para superar o clericalismo, Comblin defendeu uma Igreja missionária e descentralizada, inspirada nos primeiros cristãos. Ele propôs uma “Igreja de comunidades”, onde o protagonismo fosse dado aos leigos e às comunidades eclesiais de base. Essas comunidades deveriam ser autônomas, organizadas a partir das necessidades locais e comprometidas com a transformação social. A Igreja precisava (e precisa) libertar-se de sua própria estrutura clerical para se tornar um instrumento eficaz do Reino. De acordo com o pensamento de Comblin, não podemos descrever um Cristo libertador com práticas autoritárias e excludentes dentro da própria Igreja. Assim, entendeu que a Igreja só recuperaria seu ideal se abandonasse o clericalismo e assumisse uma postura de serviço e humildade. Sua crítica, apesar de incisiva, não foi destrutiva, foi uma tentativa de chamar a Igreja de volta às suas raízes evangélicas.

5.2. Reino de Justiça

A construção do Reino de Deus, para José Comblin, era mais do que uma promessa futura; era uma utopia concreta que deveria ser vivida e buscada no presente. Ele rejeitou a ideia de um Reino distante e inalcançável, reservado apenas para a eternidade. Para Comblin, o Reino de Deus se manifesta aqui e agora, em cada ação que promove a justiça, a solidariedade e a dignidade humana. Essa visão conectou sua teologia à prática pastoral e à transformação social, desafiando os cristãos a se engajarem de forma ativa no mundo.

Comblin entendeu o Reino de Deus como uma realidade profundamente relacional e comunitária. Não era algo que pudesse ser feito individualmente ou por meio de esforços isolados, mas apenas através da construção de relações justas e solidárias, especialmente com os mais pobres e marginalizados. Para Comblin, o Reino

se faz presente em cada gesto que restaura a dignidade humana, em cada luta por equidade e em cada ato de compaixão.

O Reino de Deus, em sua perspectiva, estava intimamente ligado ao compromisso com os pobres, que ele via como protagonistas dessa construção. Para Comblin, a solidariedade com os pobres não era apenas uma escolha ética ou moral, mas uma exigência evangélica. Ele acreditava que os cristãos, para serem fiéis ao Evangelho, deveriam se colocar ao lado dos excluídos, participando de suas lutas e promovendo sua libertação.

Essa visão do Reino também desafiava as estruturas de poder existentes. Para Comblin, a construção do Reino implicava necessariamente no confronto com forças que perpetuavam a opressão e a desigualdade. Ele via o Reino como um espaço de liberdade e comunhão, oposto às realidades de exploração e exclusão. Nesse sentido, sua teologia do Reino era profundamente política, no sentido mais amplo e evangélico da palavra: um chamado à transformação das estruturas injustas para que a justiça e a paz pudessem florescer.

Ao mesmo tempo, Comblin não via o Reino de Deus como algo que pudesse ser plenamente realizado por esforços humanos. Ele reconheceu que o Reino é, em última instância, um dom de Deus, mas enfatizou que isso não dispensava o engajamento humano. Pelo contrário, ele afirmava que a ação humana era uma colaboração essencial no desígnio divino, e que cada gesto de amor e justiça era um testemunho do Reino que virá.

A busca pelo Reino de Deus, para Comblin, foi também uma fonte de esperança e resistência. Em meio às adversidades e injustiças, o Reino era um horizonte que motivava os cristãos a perseverar. Ele acreditava que essa esperança não era passiva, mas uma força ativa, que impulsionava a transformação do mundo. Por fim, Comblin via a construção do Reino de Deus como a essência da vida cristã. Ele afirma que os cristãos são chamados a viver como testemunhas desse Reino, não apenas em palavras, mas em ações concretas. Para ele, o Reino era um desafio e uma promessa, um convite a sonhar e a construir, juntos, um mundo mais justo, solidário e humano.

6. Legado de José Comblin

José Comblin deixou um legado teológico, pastoral e humano que permanece vivo e relevante, inspirando movimentos de base, sociais e eclesiais em toda a América Latina e além. Sua obra e sua vida são testemunhos notáveis de coerência entre fé e prática, mostrando como o Evangelho pode ser um instrumento de transformação pessoal e social. Ele foi mais do que um teólogo acadêmico, foi um missionário incansável, um educador comprometido e um profeta que desafiou as estruturas de poder e convocou a Igreja a renovar-se a partir de suas raízes evangélicas.

Seu legado teológico está profundamente ligado à Teologia da Libertação, da qual foi um dos principais pensadores. Comblin não apenas refletiu sobre a realidade dos pobres, mas viveu entre eles, aprendendo e ensinando ao mesmo tempo. Ele acreditava que a teologia só fazia sentido quando enraizada na experiência concreta das comunidades e comprometida com a luta pela justiça. Suas ideias sobre a missão da Igreja, o papel do Espírito Santo e a construção do Reino de Deus continuam a ser fontes de inspiração para aqueles que buscam uma fé engajada e transformadora.

No campo pastoral, foi pioneiro na valorização das comunidades eclesiais de base, que via como sinais vivos do Reino de Deus. Ele trabalhou incansavelmente na formação de lideranças leigas, ajudando a capacitar pessoas simples para se tornarem protagonistas de suas comunidades. Comblin acreditava que a educação era uma ferramenta essencial para a libertação, e sua atuação nesse campo contribuiu para o empoderamento de milhares de pessoas ao longo de sua vida.

Além disso, seu exemplo pessoal foi um poderoso testemunho de integridade e confiança. Mesmo diante de perseguições, exílio e censura, ele permaneceu fiel ao seu chamado. Comblin não hesitou em criticar as alianças entre a Igreja institucional e os poderes opressores, defendendo uma Igreja pobre, profética e missionária. Ele viveu o que pregava, adotando uma vida simples e comprometida com os mais necessitados, demonstrando que a coerência entre fé e prática não é apenas possível, mas indispensável para a conversão cristã.

O impacto de Comblin transcende as fronteiras da América Latina. Sua teologia e sua prática continuam a inspirar movimentos de renovação na Igreja Católica e em outras denominações cristãs. Em um mundo marcado por desigualdades crescentes e

crises humanitárias, suas reflexões sobre a missão da Igreja, a solidariedade com os pobres e a construção de comunidades de esperança são mais atuais do que nunca.

Seu legado também desafia as gerações atuais a repensarem o papel da fé em um contexto global. Ele nos lembra que o cristianismo não é apenas uma crença, mas uma força viva que pode transformar realidades e construir um mundo mais justo e humano. José Comblin permanece como uma referência para todos aqueles que buscam alinhar espiritualidade e compromisso social, oferecendo uma visão de esperança e coragem para os desafios do presente e do futuro.

7. Conclusão

O exílio, a fé e a resistência foram pilares em sua teologia, que permanece relevante para os desafios do mundo contemporâneo. Seu exemplo inspira a Igreja e os cristãos a se engajarem na luta por um mundo mais justo. A importância de José Comblin vai além da teologia acadêmica. Ele representou um teólogo que viveu o que ensinou, engajando-se ativamente nas lutas populares e nas comunidades de base. Sua missão o levou a enfrentar regimes autoritários, mas também a refletir sobre o significado mais profundo da fé cristã em contextos de opressão. Este artigo examinou como sua vida pessoal e suas ideias moldaram um novo paradigma teológico.

Hoje, a obra de Comblin continua a inspirar movimentos sociais e eclesiais que buscam alinhar a espiritualidade com a justiça social. Sua crítica ao clericalismo permanece relevante, especialmente em um contexto de crescente desigualdade social e desafios ambientais globais. A mensagem de Comblin convida a Igreja a renovar seu compromisso missionário, assumindo uma postura profética em defesa dos mais vulneráveis.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. Igreja: Carisma e Poder. Petrópolis: Vozes, 1981.

BOFF, Leonardo (organizador). Teologia da Libertação: Documentos Básicos. Petrópolis: Vozes, 1972.

COMBLAIN, José. O Espírito Santo e a Libertação. São Paulo: Loyola, 1972.

COMBLAIN, José. A Igreja e a Revolução. São Paulo: Loyola, 1973.

COMBLAIN, José. Exílio e Libertação. São Paulo: Loyola, 1978.

COMBLAIN, José. A Teologia da Libertação. São Paulo: Loyola, 1980.

COMBLAIN, José. A Igreja dos Pobres. São Paulo: Loyola, 1986.

COMBLIN, José. Teologia da Enxada. São Paulo: Paulus, 1986.

COMBLIN, José. O Espírito na Igreja e no Mundo. São Paulo: Paulus, 1997.

MUNOZ, Ronaldo (organizador). A Teologia da Libertação no Brasil. São Paulo: Loyola, 1986.

GUTIÉRREZ, Gustavo. Teologia da Libertação. São Paulo: Loyola, 1985.

SUESS, Paulo. José Comblin: Uma Teologia da Libertação. São Paulo: Paulus, 2000.